



NOVA ÁGORA: CAMINHO PARA A AÇÃO

Inicia-se, esta semana, a **Nova Ágora**. Um espaço, por definição, de encontro, de troca de ideias, de estilo aberto, de respeito pela opinião diferente; no fundo, é um espaço com um estilo próprio, talvez mais familiar, porque não reprime; um estilo que busca o sentido, mas um *sentido* que lhe é próprio, da mesma forma que aspira à *verdade*, evitando a demagogia, na particularidade, ou no pormenor, mas sempre à procura da Verdade! Será possível chegar à Verdade, com três conferencistas e um moderador? Não estarão eles preocupados em falar das suas ideologias, polvilhando sementes já secas sobre os ouvintes? Será possível o ser humano deixar de ser pela força das instituições ou das cores partidárias? E onde está a vontade de querer aprender com o outro e, ambos, construir um caminho mais seguro? Despimos a pele do guerreiro e propomos um caminho juntos! Vamos fazer história, nutrir o diálogo e promover a vida. Pressupõe-se, por isso, a “boa fé” dos oradores, dos ouvintes e dos leitores para que a Nova Ágora seja um Encontro. Pedimos, uma vez mais, a palavra e simplesmente dizemos não aos discursos construídos, às frases feitas e aos pensamentos talhados. Está, assim, aberta a Nova Ágora.

O tema proposto é **Olhares sobre... a Economia, Política, Cultura e Família**. A premissa vem induzida pelo Plano Pastoral e propõe uma fé que abrace os diferentes ambientes da vida, mais comprometida com o real, com a história concreta e com os desafios da vida. A **Fé Vivida** é uma fé que sabe agradecer, que percorre a história, que limpa o olhar e que escancara as portas do coração. Esta fé compromete e salva.

Que relação existe entre esta fé e a sociedade? Ou melhor, fará sentido, nos tempos modernos, trazer à praça pública este diálogo? Fará sentido congregar num mesmo espaço perspetivas e vivências tão distintas? O que é que leva a que professores, alunos, instituições civis, pessoas ligadas a diferentes ideologias se sentem lado a lado? Não estarão latentes em todos os quadrantes as mesmas preocupações, angústias e sentidos?

Sabemos bem que têm vacilado as certezas que outrora apontavam caminhos! Parece que estremeceram os fundamentos de muitas das coisas que pareciam imutáveis, dadas como certas, como adquiridas, como seguras. O Papa Bento XVI, *no encontro com o mundo da cultura*, referiu-se a esta questão dizendo que a cultura “reflete hoje uma ‘tensão’ entre o presente e a tradição”.



Não obstante as mudanças emergentes, que, em muitos casos, produziram qualidade de vida, continuamos, ao que parece, a dispor de poucas ferramentas para burilar a informação verdadeiramente importante, a que nos pode fazer mudar de vida e apontar um sentido, um caminho. Parece que nos desenvolvemos a duas velocidades: se por um lado se assiste a um grande progresso tecnológico, que procura dar um sentido mais confortável e pragmático à vida, por outro, este desenvolvimento, já sem retrocesso, não transporta em si objetivos grandiosos, valores capazes de tornar o mundo mais habitável, mais próximo e mais equitativo.

Que conflito este que o ser humano gerou, quando parecia ter conquistado a verdade, ter o mundo nas suas mãos, emancipando-se da tutela do religioso como núcleo legitimador da vida social! A que se deverá tal conflito?

Segundo Durkheim a diferenciação funcional da sociedade moderna teve como princípio o surgimento de laços de interação social de carácter profissional e económico, em prejuízo dos consanguíneos ou filiais. Este processo, por sua vez, gerou novas formas de produção, criou novos empregos, motivou o desenvolvimento tecnológico, estimulou novas relações... motivos suficientes que conduziram ao eclipse de uma consciência comum. Sem esta consciência coletiva, o indivíduo vê-se obrigado a construir a sua própria casa, sem uma normativa fixa, talhando os seus próprios símbolos, fechado nele próprio, na sua rotina e preocupações.

Se a imagem do mundo é construída à nossa imagem, se o sentido não é mais do que um comezinho sentido, se os objetivos que nos movem, do presente e do futuro, são míopes e acanhados, se o nosso horizonte assume o contorno do nosso umbigo... então, deixaremos de ver o caminho e ficaremos perdidos nos labirintos da casa e do tempo sem valores grandiosos, sem procurar a Verdade. Esta procura incessante, própria de quem quer ver mais longe e mais transparente, parece-nos um bom caminho, se não o caminho, capaz de levar à Verdade.

Portanto, “há toda uma aprendizagem a fazer quanto à forma de a Igreja estar no mundo, levando a sociedade a perceber que, proclamando a verdade, é um serviço que a Igreja presta à sociedade, abrindo horizontes novos de futuro, de grandeza e dignidade” (Bento XVI).

A abertura ao outro, proposta pela Nova Ágora, é uma atitude muito própria dos alicerces da Europa. A Europa nascente foi construída com povos tão diferentes como o



eslavo e o latino, o saxão e o grego, o germano e o viking. A Europa que agregou num projeto único a razão dos gregos, o direito de Roma e o amor de Cristo. Uma civilização que escreveu a história a partir de três fontes: *Logos, Ius, Charitas*. Estas são as nossas raízes, as mesmas que permitiram lançar a democracia, falar de tolerância, inflamar a solidariedade e promover a afirmação de uma identidade plural.

Ao olhar para estas raízes, percebemos que o cristianismo não só é a *raiz* da nossa cultura, como é a *fonte* que fecundou as mais relevantes realizações culturais e sociais. Os monges não ensinaram somente a arte de trabalhar as terras e a fertilizar regiões inteiras, ou a copiar os códices e a construir Igrejas, a eles se deve o ensino das artes e das letras, do canto e do encanto pelo fascínio, pela beleza.

Desejamos, assim, que a Nova Ágora suscite *Olhares* renovados sobre o espólio de valores culturais, religiosos e de pensamento político, económico e familiar adquiridos ao longo de séculos de história comum. Nada se deseja para a Nova Ágora que não seja *olhar* para o ser humano como um todo, integrado numa história que não o encerra em si mesmo, mas que o abre para o outro e para a transcendência. Só quem olha para atrás é que se depara com a sua história, sabe de onde vem e, em última análise, quem é.

Se esquecermos a luta pela dignidade humana, pelos direitos humanos, pela liberdade de opinião, pelo respeito da vivência religiosa, pelo pensamento crítico que uniu e une tantos de nós, que valores temos em comum que permitam salvar o presente e projetar o futuro?

Gostaríamos de poder interpretar o momento que nos é dado viver, de crise e de situações limite, como uma oportunidade para a ação, para a reconciliação, para encontrar novos rasgos, novas soluções que não sejam dominadas pelo primado do económico. Perante tantos desafios que a sociedade contemporânea nos suscita não existe lugar para posições mornas. Não é legítimo ficar parado, como também não é legítimo atirar culpas para erros do passado, como que se de um fatalismo histórico se tratasse. Há que optar entre a resignação ou a interpelação, o esmorecimento ou a criatividade, o silêncio ou a iniciativa. Nós optamos pela última via, porque acreditamos numa sociedade mais autêntica, coerente e com um futuro humanizado.

Eduardo Duque

Coordenador da “Nova Ágora”